

# A utopia de Björk: um ensaio sobre o referencial simbólico do álbum musical Utopia (2017)

## The utopia of Björk: an essay about the symbolic framework of the musical album Utopia (2017)



**Jaimeson Machado Garcia**

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil  
jaimesonmachadogarcia@gmail.com



**Priscila Gonçalves Magossi**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil  
pgmagossi@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo reflete sobre o referencial simbólico do álbum Utopia (2017), de Björk, lançado em novembro de 2017. Objetiva-se traçar um panorama entre música e mito. A argumentação inicia-se com a relação inextricável entre o homem primordial e a natureza, expandindo-se para a compreensão da estrutura (simbólica) do pensamento mítico. Em seguida, avança-se na proposta ao considerar o papel da música na contemporaneidade como manifestação de transcendência da realidade imanente. A partir dessa conexão de pensamentos, o estudo destaca Björk e mapeia relações entre a discussão teórica e elementos artísticos a partir de Utopia (2017), considerando: (i) as letras das canções, sobretudo a da faixa-título; (ii) do arranjo musical; (iii) e a capa do álbum. Para estruturar o percurso teórico, a argumentação se apoia no compilado de autores Edgar Morin, Ernest Cassirer, Joseph Campbell, Junito Brandão, Mircea Eliade e Vilém Flusser. Nessa linha, o estudo nos lembra que os mitos forneceram respostas ao questionamento sobre o sentido da vida nas sociedades arcaicas. No caso de Utopia (2017), Björk aborda temas como

autotransformação e vínculo comunicativo, potencializando reflexões sobre ameaças ecológicas e desastres climáticos extremos, bem como o resgate à conexão entre ser humano e natureza.

**Palavras-chave:** Björk; utopia; pensamento mítico; transcendência e imanência; análise musical.

**Abstract:** The present article reflects on the symbolic framework of Björk's album *Utopia* (2017), released in November 2017. It aims to outline a panorama between music and myth. The argument begins with the inextricable relationship between primordial man and nature, expanding to an understanding of mythic thought's (symbolic) structure. It then advances by considering the role of music in contemporary times as a manifestation of transcendence from immanent reality. From this connection of ideas, the study highlights Björk and maps relationships between theoretical discussion and artistic elements from *Utopia* (2017), considering: (i) the song lyrics, especially the title track; (ii) the musical arrangement; (iii) and the album cover. To structure the theoretical framework, the argument relies on the compilation of authors Edgar Morin, Ernest Cassirer, Joseph Campbell, Junito Brandão, Mircea Eliade, and Vilém Flusser. In this vein, the study reminds us that myths answered questions about the meaning of life in archaic societies. In the case of *Utopia* (2017), Björk addresses themes such as self-transformation and social bonds, fostering reflections on ecological threats and extreme climate disasters, and reclaiming the connection between humans and nature.

**Keywords:** Björk; utopia; mythical thinking; transcendence and immanence; musical analysis.

Submetido em: 13 de maio de 2024

Aceito em: 11 de junho de 2024

Publicado em: setembro de 2024

## 1. Introdução

Na história da humanidade, o estado idealizado do mundo em total harmonia — utopia — representa a mais antiga das tentativas de supressão do profundo vazio existencial causado pela dissociação da psique com o surgimento da consciência (Morin, 1973; Durand, 1993; Flusser, 2002). Nessa perspectiva, Edgar Morin (1973) propõe a consciência da morte como fator viabilizador da criação de um universo imaginário. O autor compreende o imaginário cultural como o processo pelo qual o corpo social compartilha os mesmos códigos que compõem a realidade. Gilbert Durand (1993, p. 97) concorda com Morin (1973) a respeito do surgimento da imaginação e sintetiza: “a imaginação simbólica é dinamicamente negação vital, negação do nada da morte e do tempo”. Na mesma linha, Vilém Flusser (2002) insiste que a insatisfação humana diante da sua condição mortal exige constante exercício de esquecimento. Isto é, Flusser (2002) defende que a vida é um constante exercício de fuga (esquecimento) da morte pelas criações do imaginário.

De acordo com Ernst Cassirer (2005), a primeira codificação simbólica é o pensamento mítico. Os estudos de Eliade (2001) demonstram que os mitos têm o objetivo de dar sentido à existência humana, isto é, de reorganizar a psique simbolicamente. Sob esse prisma, os símbolos refletem o compilado de signos, significantes e significados de uma cultura. Assim, a cultura é reconhecida como parte de um universo criado pelas faces dos pensamentos, símbolos e rituais do imaginário de determinada época e de determinado povo.

No caso das civilizações arcaicas, Joseph Campbell (1994) explica que os símbolos têm a função de dirigir o homem mítico para o acesso ao mistério da existência, à transcendência. O compilado de autores citados (Durand, 1993; Eliade, 2001; Campbell, 1994; Flusser, 2002; Morin, 1973) conclui que o homem primordial encontra no mito e nos ritos das religiões arcaicas uma maneira de dar sentido à existência e apaziguar a ansiedade oriunda do reconhecimento da vulnerabilidade da sua mortalidade.

Em continuidade à compreensão da composição do mundo arcaico, Junito Brandão (1987 e Campbell (1994) destacam que o pensamento mítico se refere a uma estrutura de mundo na qual homem e natureza estão integrados. Sendo assim, os símbolos englobam o universo das representações da tribo, bem como as inter-relações homem/natureza, humano/sobrenatural. Nesta mesma lógica argumentativa, Eliade (2001) complementa que o homem primordial divide o mundo em duas realidades distintas: transcendente e imanente. O critério discriminatório entre ambas é o tempo: o tempo sagrado (cíclico e heterogêneo) e o tempo profano (linear e homogêneo). Assim, o homem mítico torna-se contemporâneo dos Deuses, na medida em que reatualiza o Tempo primordial e encontra sentido na sua existência (Eliade, 2001).

A partir do século XV, iniciou-se o processo de desencantamento do mundo (Flusser, 2002) e a ancestral simbiose dos povos arcaicos com o entorno natural foi interrompida. Novas sociedades foram formadas, com outros valores instituídos. Desde então, o progresso científico e tecnológico passou a oferecer uma compreensão racional dos fenômenos naturais, ao mesmo tempo que, com o distanciamento entre homem e natureza emergiu o sentimento denominado por Simon Estok (2018) como ecofobia. O termo foi desenvolvido para descrever uma específica condição psicológica humana, caracterizada pelo cultivo da aversão à natureza, instaurando, assim, uma relação de mútuo antagonismo.

Nesta condição, potencializa-se as ameaças ecológicas, as alterações climáticas e os desastres naturais, alimentando um sentimento de vulnerabilidade e apreensão perante os fenômenos naturais. Trata-se, em suma, do receio, desdém, indiferença ou falta de sensibilidade em face das geografias naturais, das espécies animais, dos eventos climáticos extremos, dos processos corpóreos e fluidos, assim como das paisagens bióticas terrestres, aéreas e marítimas. Em virtude dessas considerações, a ecofobia emerge como uma realidade transversal de alcance global, especialmente nos contextos coloniais, manifestando-se em esferas tanto micro quanto macro, frequentemente velada pela névoa da ignorância humana.

Pois, se no passado ancestral o sentimento com a Natureza era de unidade, no contexto contemporâneo metamorfoseou-se em comportamento intrinsecamente deletério. É inegável que nos distinguimos de outros seres por ocasionarmos um limiar crítico de degradação ambiental, um fato que conduz geólogos e outros especialistas a cada vez mais considerarem a nossa época presente como o Antropoceno, uma era nomeada dessa maneira em razão do domínio e impacto singular do ser humano sobre o planeta.

Torna-se, portanto, cada vez mais urgente a necessidade de reavaliar o influxo humano mediante uma exegese meticulosa de nossas atitudes frente ao meio ambiente e à intrínseca interligação que compartilhamos com o cosmos. É sob esse cenário cada vez mais premente que as mais diversas formas de manifestação artística eclodem, erguendo-se como instrumentos vitais na convocação à reflexão. Artistas comprometidos empregam suas plataformas como véus de sensibilização, expandindo, por conseguinte, a repercussão de suas mensagens. Essas demonstrações públicas não apenas espelham uma inquietação individual, mas também servem como um lembrete do poder intrínseco que esses *artistas* detêm para moldar o coletivo.

No âmbito global, figuras como Björk despontam como exemplo. Ao longo de sua carreira, a cantora islandesa não apenas vem transcendendo os limites estilísticos e convencionais da música *pop*, mas também incorporando, em suas obras, uma profunda consciência social e um compromisso com a expressão artística como forma de ativismo cultural. Em 2024, por exemplo, sua luta ambiental se direcionou contrária a prática da criação de salmão em sua terra natal, ao co-lançar, em parceria com a cantora espanhola Rosalía, a canção *Oral*, cujos proventos foram revertidos em apoio ao Fiorde Seyðisfjörður.

Apesar de cada álbum musical em sua discografia ser gerado dentro de um conceito singular, todos eles abordam, de alguma forma, o pensamento arcaico ao explorarem as inter-relação entre homem/natureza, homem/tecnologia e mesmo tecnologia/natureza como carecedores de um ponto de equilíbrio — por vezes,

um sendo continuidade de outro. No imbricamento desses projetos musicais, se sobressai *Utopia* (2017), que, conforme sugere o próprio título, concebe a idealização de um autêntico Éden, onde a convivência pacífica e simbiótica entre tais elementos não é mera quimera, mas uma vivência palpável e concreta.

Em entrevista à revista *Cosas Lujos*, Björk contou que este álbum surgiu em meio às preocupações ambientais da Era Trump, quando o então Presidente dos Estados Unidos da América renunciou ao Acordo de Mudança Climática de Paris. Em meio a esse contexto, a visão da cantora passou a ser a da necessidade de uma definição de utopia “[...] e, em seguida, torná-la uma realidade [...]” (Simían, 2017). Já em entrevista para *The Big Issue*<sup>1</sup>, *Utopia* (2017) é, em sua percepção, como uma trilha sonora sobre um lugar que todos podemos chegar depois desse período político: “[...] Eu queria criar uma Utopia, para onde escaparíamos, como uma ilha com pessoas nuas tocando flautas, que teria pássaros e flores que você nunca viu antes. Isso seria o paraíso!”.

Nesse domínio, a indiscutível relevância da música como um veículo catalisador desse processo tanto individual quanto coletivo de construção de uma utopia não deve ser menosprezada. Ao manifestar suas visões e aspirações por meio da arte sonora, Björk instiga os ouvintes a imergir em uma jornada sensorial que os leva a ponderar sobre os valores e ideais que almejamos concretizar em nosso mundo. Simultaneamente, a cantora proporciona um refúgio de escapismo e devaneio, onde podemos conceber e explorar possibilidades para além das amarras da vida cotidiana.

Nesta conjuntura, faz-se imperioso adentrar na forma com que Björk concebe este mundo utópico através de sua música conceitual. Nessa perspectiva, a presente reflexão propõe uma breve análise: (i) das letras das canções, sobretudo a da faixa-título; (ii) do arranjo musical e (iii) da capa do álbum. Considerando que cada um desses elementos contribui para a construção deste universo imaginário, entrelaçando-se em uma rede de significados

<sup>1</sup> BJORK divulga capa do novo álbum “Utopia”. Bjork Brasil, 24 out 2017. Disponível em: <http://www.bjork.com.br/2017/10/bjork-divulga-capa-do-novo-album-utopia.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

e interpretações, pretende-se observar como um álbum musical como Utopia (2017) é capaz de se constituir como forma de transcendência e resgate do pensamento mítico.

## 2. Da transcendência às canções de Utopia (2017)

O ciclo argumentativo apontado pela reflexão teórica demonstrou que o mito não pode ser compreendido quando reduzido a um esquema lógico, visto que essa estrutura de pensamento pertence à dimensão subjetiva do ser humano. As coerências do mito e da religião arcaica dependem de unidades de crenças. Nesse entendimento, a relação entre homem e Natureza é um dos pontos mais fortes do pensamento mítico. Assim, a visão de mundo ancestral relaciona-se a uma vivência, que é percebida e sentida pela dimensão transcendente do ser humano.

A obra de Leonardo Boff (2000, p. 80) aborda o conceito de transcendência de modo amplo, vinculando o termo à relação do ser humano com a abertura a um campo imaterial e atemporal, isto é, “a transparência, que é a presença da transcendência dentro da imanência”. Nesse sentido, a transcendência envolve o encontro do sentido da experiência de vida humana. Portanto, vale o questionamento seguido da reflexão:

O que é o ser humano, então? É um ser de abertura. É um ser aberto, situado, mas aberto. É um nó de relações, voltado em todas as direções [...] É só se comunicando, realizando essa transcendência concreta na comunicação, que o ser humano constrói a si mesmo. É só saindo de si, que fica em casa. É só dando de si, que recebe. Ele é um ser em potencialidade permanente. Então, o ser humano é um ser de abertura, um ser potencial, um ser utópico. Sonha para além daquilo que é dado e feito. E sempre acrescenta algo ao real [...] Numa palavra, eu diria que o ser humano é um projeto infinito. Um projeto que não encontra neste mundo o quadro para a sua realização. Por isso é errante, em busca de novos mundos e novas paisagens (Boff, 2000, p. 36-37).

Nessa perspectiva, a jornada transcendente implica em exposição desarmada de nossa essência, ou seja, requer uma imersão em um processo de transformação interna, uma alquimia da alma que nos conduz à tessitura genuína da conexão e da integridade. De maneira análoga, as catorze composições que integram a obra *Utopia* (2017) desvendam um mosaico de imagens poéticas e reflexões profundas a partir das vivências íntimas de Björk, erguendo assim os alicerces que sustentam esse universo imaginário, o que “[...] significa, por um lado, resgatar suas origens arquetípicas, sua dimensão mítica e sacra enquanto imagem visual; por outro significa recuperar aquilo que ela substitui: a oralidade” (Baitello, 1997, p. 70). A música, por sua vez, pode ser compreendida como transcendência pela comunicação, pela oralidade.

Em um mundo cada vez mais permeado pelo distanciamento propiciado pela tecnologia e pela virtualidade das relações, Björk sugere que a busca pela autenticidade, pela conexão genuína entre as pessoas, a aceitação e a compreensão mútua são um dos alicerces de uma sociedade harmoniosa. Para isso, a cantora traz em *Arisen My Senses* a intensidade de um simples beijo, quando canta: “Somente aquele beijo / Era tudo o que havia / Cada célula em meu corpo / Se alinhou para você / Pernas um pouco abertas / Mais uma vez / Despertou meus sentidos”<sup>2</sup> (Björk, 2017).

Já em *Blissing Me*, a mensagem se volta à natureza da conexão emocional, mesmo que mediada pelos dispositivos eletrônicos: “Toda a minha boca estava beijando ele / Agora, no ar, eu estou sentindo falta dele / Será que esse excesso de mensagens é uma bênção? / Dois nerds da música obcecados / Ele me lembra do amor em mim / Estou celebrando em uma vibração / Enviando MP3s um ao outro / Apaixonando-se por uma canção”<sup>3</sup> (Björk, 2017).

Enquanto isso, em *Features Creatures*, Björk explora o fenômeno de ver e ouvir características de alguém amado em outras pessoas e

2 Em inglês: “Just that kiss / Was all there is / Every cell in my body / Lined up for you / Legs a little open / Once again / Awaken my senses”. Tradução nossa.

3 Em inglês: “All of my mouth was kissing him / Now, into the air, I am missing him / Is this excess texting a blessing? / Two music nerds obsessing / He reminds me of the love in me / I'm celebrating on a vibrancy / Sending each other Mp3s / Falling in love to a song. Tradução nossa.



a subsequente sensação ilusória de proximidade com o amor a partir dessa comparação. Ou seja, a cantora indica que o processo de busca do amor é tanto racional quanto instintivo, misturando aspectos conhecidos para criar uma imagem de perfeição amorosa: “Não é estranho? / Não é peculiar? / Essas estatísticas da minha mente / Misturando suas feições / Montando um homem / *Googlando* amor / Aquecendo meu coração nesta lareira do amor”<sup>4</sup> (Björk, 2017).

Nesse itinerário de autodescoberta e renovação, torna-se inelutável confrontar os espectros íntimos que assombram a nossa psique, transmutando as cicatrizes emocionais que delineiam o percurso humano. Por meio desse desdobramento, a cantora supõe que as amarras do nosso ego podem ser transcendidas, emergindo para a vastidão plena da experiência humana, erguendo, por conseguinte, o véu para a verdadeira comunhão entre semelhantes.

Assim, em *The Gate*, Björk insinua que, para adentrarmos nesse reino transcendente, é mister nos desnudarmos e nos expormos vulneravelmente ao mundo em uma troca mútua de afetos: “Minha ferida no peito curada / Transformou-se num portal / Por onde recebo amor / Por onde eu dou amor [...] Se você / Se importar comigo / E então eu vou me importar com você”<sup>5</sup> (Björk, 2017).

No entanto, a cantora lembra em *Body Memory* que, nas estranhas do psiquismo humano, reside um caleidoscópio de experiências passadas, capazes de influenciar a nossa percepção do presente, quando canta que: “Eu tenho lutado com meu destino / Será que eu aceito esse fim? / Será que eu vou aceitar minha morte / Ou vou lutar claustrofobicamente? [...] Então minha memória corporal entra em cena / Meus membros e língua assumem / Como os antepassados antes de mim / Mostram-me o fluxo”<sup>6</sup> (Björk, 2017). Temática semelhante é abordada em *Sue Me*, em que discorre sobre como os traumas familiares são capazes de atravessar gerações: “Vamos quebrar essa maldição / Para que não passe para

4 Em inglês: “Isn’t it odd? / Isn’t it peculiar? / These statistics of my mind Shuffling your features / Assembling a man / Googling love / Warming my heart on this log-fire of love”. Tradução nossa.

5 Em inglês: “My healed chestwound / Transformed into a gate / Where I receive love from / Where I give love from / If you / Care for me / And then I’ll care for you”. Tradução nossa.

6 Em inglês: “I’ve been wrestling my fate / Do I accept this ending? / Will I accept my death / Or struggle claustrophobic? / Then my body memory kicks in / My limbs and tongue take over / Like the ancestors before me / Show me the flow”. Tradução nossa.

nossa filha / E a filha dela / E a filha dela / Não vou deixar isso contaminar o DNA dela”<sup>7</sup> (Björk, 2017).

Mas, em contraponto, em *Tabula Rasa*, a cantora aborda o desejo por um novo começo livre de erros passados, ressaltando a importância de enfrentar a verdade e buscar a redenção. Ao cantar que “[...] Estamos todos machucados / De esconder seus assuntos / Vamos colocar tudo na mesa / Botar tudo para fora/ [...] Sem repetir os erros graves dos pais [...]”<sup>8</sup> (Björk, 2017), Björk (2017) não só reconhece as cicatrizes emocionais e as bagagens que cada um carrega, mas também instiga a enfrentá-las de frente, buscando um novo começo marcado pela transparência e pela aprendizagem com os erros cometidos anteriormente.

Igualmente em *Losss*, não somente a universalidade da luta e da perda é destacada, mas também a resiliência e a capacidade de superar e encontrar satisfação mesmo em meio à dor são enfatizadas: “Todos estamos lutando, apenas fazendo nosso melhor / Passamos por maus bocados, sofremos perdas [...] Perda de fé apenas acende sobreviventes”<sup>9</sup> (Björk, 2017). Isto é, a vulnerabilidade é apresentada não como uma fraqueza, mas como um estado necessário para a verdadeira conexão e cura. Assim como *The Gate* e *Tabula Rasa*, *Losss* sugere que a forma como lidamos com a perda e a dor define nossa identidade e que a liberdade emocional, alcançada através do perdão e da superação do passado, é profundamente revitalizante e libertadora.

Nessa senda, a aceitação plena de si mesmo, com todas as suas nuances e falhas, emerge como um desafio. Confrontar os erros do passado torna-se, assim, um imperativo vital, pois é somente através da aceitação, tanto para consigo mesmo quanto para os outros, que se pode pavimentar o caminho rumo a este reino harmônico. Ao mesmo tempo, contemplar o porvir com esperança e resiliência, aprendendo com as lições do passado, torna-se

<sup>7</sup> Em inglês: “Let’s break this curse / So it won’t fall on our daughter / And her daughter / And her daughter / Won’t let this sink into her DNA”. Tradução nossa.

<sup>8</sup> Em inglês: “We are all swollen / De esconder seus assuntos / Let’s put it all on the table / Let it all out [...] Not repeating the fuck-ups of the fathers”. Tradução nossa.

<sup>9</sup> Em inglês: “We all are struggling, just doing our best / We’ve gone through the grinder, suffered loss / Loss of faith just ignites survivors”. Tradução nossa.

uma jornada de autotransformação que culmina na construção de um futuro utópico, onde a realização pessoal e o significado transcendente encontram sua máxima expressão.

Tal pensamento é reafirmado em *Courtship*, que aborda a complexidade emocional da rejeição e da perda, explorando como essas experiências nos transformam e moldam nossa identidade. Através de uma teia de significados que incluem a dor, a vulnerabilidade e a eventual aceitação, a canção destaca a capacidade humana de encontrar significado e conexão, mesmo após a rejeição: “[...] Ele foi deixado com o amor que perdeu / Maior do que o amor que ele tinha [...] Eu confio em minhas células para rearquivar / Meu fluxo histórico amoroso”<sup>10</sup> (Björk, 2017). No caso, a conclusão chegada é a de que as nossas células são capazes de rearquivar as experiências amorosas, o que sugere uma confiança na capacidade inerente do corpo e da mente para curar e reorganizar, destacando a natureza contínua do processo de cura emocional. *Courtship* também oferece, portanto, uma visão esperançosa de crescimento e renovação através da vulnerabilidade e da aceitação.

Assim, a autoaceitação, a redenção pessoal e a reflexão sobre o futuro não são apenas componentes fundamentais do crescimento humano, mas também são os pilares sobre os quais repousa a visão utópica de Björk, uma visão que transcende as fronteiras da realidade e abre as portas para um mundo de possibilidades emocionais ilimitadas. Nesse sentido, em *Saint*, Björk propõe que a compaixão é um dos fatores essenciais na construção dessa utopia, sendo a música um catalisador de cura e conexão emocional, uma vez ser capaz de unir as pessoas através de experiências compartilhadas e oferecendo conforto em momentos de vulnerabilidade e necessidade: “A música também ama / Ela alcança os órfãos e os refugiados / Abraça-os com coberturas térmicas / Seus momentos de infância favoritos / Foram em um hospital para deficientes / Vi-a oferecer empatia às viúvas / Ela vai a funerais de estranhos [...]”<sup>11</sup> (Björk, 2017).

10 Em inglês: “[...] He’s left with loving what he lost / More than what he has / I trust my cells to rearchive / My love historic stream”. Tradução nossa.

11 Em inglês: “Music loves too / She reaches out to orphans and refugees / Embraces them with thermal blankets / Her favorite childhood moments / Were at a hospital for the disabled / I’ve seen her offer empathy to widows / She attends funerals of strangers”. Tradução nossa.

Já em *Future Forever* a cantora nos convida a celebrar a capacidade de transformar o presente em um futuro repleto de significado, quando propõe: “[...] Imagine um futuro e esteja nele / Sinta essa incrível instrução, mergulhe nela / Seu passado está em um loop - desligue-o”<sup>12</sup>. Essa passagem enfatiza a importância de visualizar e viver ativamente o futuro desejado, incentivando uma desconexão consciente do passado que pode nos prender em ciclos negativos. Björk sugere uma abordagem proativa e imaginativa para a criação do futuro, destacando que a mudança começa na mente e nas atitudes presentes.

Essa interligação de temas sugere que, na visão da cantora, a música e a empatia não são apenas desejos idealistas, mas elementos práticos e necessários para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa. Ao explorar essas ideias, Björk não só nos oferece um reflexo poético de nossas próprias capacidades emocionais, mas também nos desafia a usar essas capacidades para transformar o mundo ao nosso redor.

Transpostas tais questões de cunho íntimo e coletivo, chega-se à tão sonhada *Utopia*. Nessa faixa-título, a referência aos pássaros, representando espécies nunca vistas ou ouvidas antes, evoca uma sensação de novidade e renovação, sugerindo a possibilidade de um mundo paradisíaco onde novas formas de vida e beleza florescem:

Espécies de pássaros nunca vistas ou ouvidas antes  
A primeira flauta esculpida a partir da primeira fauna  
(Björk, 2017)<sup>13</sup>.

A menção à primeira flauta esculpida a partir da primeira fauna remete à conexão ancestral entre a música e a natureza, implicando que a harmonia musical pode ser encontrada nos elementos mais primordiais do mundo natural — como veremos mais profundamente na seção seguinte. Isso sugere uma reverência

<sup>12</sup> Em inglês: “*Imagine a future and be in it / Feel this incredible nurture, soak it in / Your past is on loop — turn it off*”. Tradução nossa.

<sup>13</sup> Em inglês: “*Bird species never seen or heard before / The first flute carved from the first fauna*”. Tradução nossa.

pela natureza e uma crença na capacidade da música e da arte de purificar e elevar o espírito humano. Ao declarar que utopia não está em outro lugar, mas sim aqui, Björk desafia a concepção convencional de utopia como um destino distante e inalcançável.

Em outro trecho, a cantora segue com o refrão:

Utopia  
Não está em outro lugar  
Vamos purificar  
Você me designou para proteger a nossa lanterna  
Para ser intencional sobre a luz (Björk, 2017)<sup>14</sup>.

Sendo repetido ao longo da canção, Björk declara que a utopia não está em outro lugar, mas está presente, aqui e agora. Essa mensagem é reforçada pela ideia de purificação — purificar não apenas o ambiente físico, mas também as próprias mentes e almas, como ressaltado ao longo das outras canções. A lanterna mencionada, no caso, pode ser vista como um símbolo da luz da verdade e da sabedoria que cada indivíduo é encarregado de proteger e preservar dentro desse paraíso.

Ao fim, Björk ressalta:

Meu instinto vem gritando comigo há anos  
Dizendo: Vamos dar o fora daqui!  
Grande tumor tóxico crescendo sob a terra aqui  
Precisa purificar o ar daqui  
Purificar, purificar, purificar a toxicidade (Björk, 2017)<sup>15</sup>.

Esses versos revelam uma consciência aguda das questões ambientais e sociais que permeiam a sociedade contemporânea, sugerindo uma intuição persistente, uma voz interior que clama por mudança e ação diante de uma realidade tóxica e problemática. Essa voz é personificada pelo desejo de escapar ou transcender

<sup>14</sup> Em inglês: "Utopia / It's not elsewhere / Let's purify / You assigned me to protect our lantern / To be intentional about the light". Tradução nossa.

<sup>15</sup> Em inglês: "My instinct has been shouting at me for years / Saying: Let's get out of here! / Huge toxic tumor bulging underneath the ground here / Need to purify the air here / Purify, purify, purify toxicity". Tradução nossa.

as circunstâncias adversas. A imagem simbólica de um grande tumor tóxico crescendo sob a terra representa os problemas subjacentes e muitas vezes invisíveis que afligem a sociedade, como a poluição, a degradação ambiental e as injustiças sociais.

Essa metáfora sugere uma consciência da gravidade dos desafios enfrentados e a necessidade de abordá-los. A frase final reforça a ideia de um apelo claro para a purificação não apenas do ambiente físico, mas também das toxinas sociais, culturais e emocionais que poluem a experiência humana. A repetição da palavra “purificar” amplifica a urgência e a importância desse processo.

A utopia concebida por Björk emerge como uma peregrinação de renovação e ressurgimento, na qual os indivíduos são instados a reatar os vínculos com suas raízes ancestrais, a reavivar a sacralidade inerente ao mundo natural e a acolher uma cosmovisão edificada sobre os pilares da aceitação recíproca, da compaixão e da busca incansável pela autêntica comunhão entre os seres. Nesse momento, cabe evocar o pensamento de Campbell:

Hoje em dia muitos estão achando difícil aceitar esses temas míticos, assim interpretados, quando todos os fatos conhecidos da história, da biologia, a astronomia e da física parecem contradizê-los. Portanto, está se tornando evidente, até entre os ortodoxos, uma tendência cada vez maior de invocar, em face de fatos irrefutáveis, a tradição poética através da hermenêutica. (Campbell, 1994, p. 61).

Martin Heidegger (2009) compreende a hermenêutica como o processo de reflexão e crítica que reconhece a complexidade e a relatividade do significado de um fenômeno cultural de acordo com o seu contexto histórico. Sendo assim, a música pode ser interpretada como um fenômeno da cultura contemporânea que apresenta uma mensagem a ser interpretada. Todavia, essa interpretação depende de um horizonte prévio de compreensão. Heidegger argumenta que a compreensão de uma mensagem está enraizada em sua existência concreta e histórica, e que a hermenêutica

desempenha um papel fundamental na interpretação dessa existência. No caso do álbum de Björk: a consciência da devastação ambiental e a urgência do ser humano se retratar com a natureza.

Tal pensamento também é intensificado em *Claimstaker*, que explora a simbiose entre o indivíduo e a natureza, sugerindo que o verdadeiro sentido de lar e identidade está enraizado em nossa interação e conexão com o mundo natural. Ao cantar que “Eu ando por esta terra / faço uma requisição / Com o meu sentido / Com minha casca / Marco meu ninho com música [...] Esta floresta está em mim / Eu mergulho em mim / Esta é a minha casa”<sup>16</sup> (Björk, 2017), Björk transmite a ideia de que a natureza não é apenas um pano de fundo, mas uma parte integral do ser. Ou seja, o ambiente natural é uma extensão de sua própria identidade, o que reflete uma visão ecocêntrica, onde a natureza e o ser humano são vistos como interdependentes e interconectados. No caso, a música serve como um meio de marcar tal posicionamento e afirmar a sua identidade no mundo enquanto uma *artista* preocupada com questões ambientais.

### 3. Da flauta transversal ao canto dos pássaros em *Utopia* (2017)

Embora pareça um mero coadjuvante da letra entoada, o arranjo musical assume uma função vital na tessitura atmosférica e na transmissão das efervescências emocionais que permeiam cada canção de um álbum. A seleção dos instrumentos não se resume a mera arbitrariedade: cada um, com sua peculiaridade tímbrica, revela-se capaz de evocar um amplo espectro de sutilezas simbólicas. Por conseguinte, a eleição da flauta transversal como um dos elementos musicais mais preeminentes nas faixas de *Utopia* (2017), longe de ser uma mera casualidade, denota uma decisão cuidadosamente ponderada.

<sup>16</sup> Em inglês: “I walk through this land / Stake a claim / With my sense / With my bark / Mark my nest with song / This forest is in me / I immerse me / This is my home”. Tradução nossa.

Inscrita no rol dos instrumentos mais antiquíssimos, a flauta, conforme postulado por Araújo (1999) e citado na faixa-título, remonta às eras primordiais da humanidade, quando os antigos recorriam a ossos e outros materiais em forma de tubo para evocar sons. Nos recônditos da era paleolítica, ela estava entrelaçada profundamente com o ato religioso por estar associada a uma aura mística, assemelhando-se aos tambores em seu uso primordial em rituais de magia. Empregada pelos xamãs e curandeiros dos primeiros agrupamentos humanos, seu uso se dava como um meio de facilitação na comunicação com o domínio dos espíritos, bem como na busca pela cura de enfermidades e outras aspirações transcendentais.

Na Antiguidade Clássica, a flauta se enredava em uma associação intrínseca com a liberdade sexual — ou, ao menos, com a expressão da sexualidade —, devido à sua morfologia sugestiva, remanescente de um falo. Platão, por exemplo, considerava o timbre dos instrumentos de sopro, especialmente o *aulos*, como possuidor de qualidades excitantes e eróticas. Aristóteles, por sua vez, concebia a flauta como sendo orgiástica, adequada para a catarse, e admitindo sua utilidade em momentos propícios para uma purificação, mas não para a instrução educacional, como outros instrumentos da época (Torriani, 2007; Mesti, 2015)

Desse modo, a eleição da flauta transversal como um dos instrumentos predominantes nos arranjos musicais de *Utopia* (2017) aparenta figurar como uma apropriação de tais tradições na intenção de apontar para uma dualidade entre o sagrado e o profano; o homem e a natureza; e a natureza e a tecnologia, onde a harmonia é possível — ainda que não perfeita. Ao entrelaçar melodias etéreas que, em um primeiro, parecem conduzir os ouvintes em uma jornada rumo a uma esfera de contemplação e plenitude, Björk e a produtora venezuelana Arca, que assinam juntas a produção, remetem a um “[...] campo no qual só se ouve a paz imperfeita do canto das aves [...]”, como destaca Lichote (2017), ao ressaltar esse outro recurso sonoro que atravessa as faixas do álbum.



Pois assim como a flauta transversal, os sons de pássaros são usados de forma proeminente desde o início do álbum. Mais do que uma função estética, esses sons aludem a uma ilusória atmosfera de calma e equanimidade. Imersos nesse envolvimento com a natureza através desses animais alados, os ouvintes são conduzidos a uma vívida conexão com o mundo natural, fortalecendo a concepção de uma utopia intrinsecamente vinculada à harmonia e ao entrelaçamento com o ambiente circundante. Torna-se evidente tal intencionalidade em *Paradisía*, onde não há a canção propriamente dita, apenas os sons instrumentais e os efeitos sonoros que integram o álbum conduzem os ouvintes a um estado contemplativo, imerso na serenidade dos trinados dos pássaros e na sinfonia dos elementos naturais.

Essa experiência sensorial transcende o mero deleite estético, envolvendo os sentidos em uma dança íntima com a essência primordial da vida. A contemplação se torna, assim, não apenas um ato passivo de observação, mas sim uma profunda imersão na teia interconectada da existência, onde cada nota musical e cada canto de pássaro ecoam como uma prece em reverência à majestade do universo. É nesse mergulho contemplativo que os indivíduos encontram não apenas a beleza efêmera do momento, mas também a semente de uma utopia enraizada na consciência plena e na comunhão com a vastidão da natureza.

Mas, como afirma Lichote (2017), “[...] a tensão do disco nasce da incerteza rítmica das melodias, das camadas de vozes dessincronizadas, da ausência de harmonia ou sua sugestão tênue em arpejos sintetizados, dos beats que desmentem a calma das flautas [...]”. Essa abordagem musical, marcada pela complexidade e nuances singulares, também parece ecoar a visão de Björk acerca de sua visão utópica proposta. Ao mesclar elementos de serenidade e placidez, personificados pelo cântico das aves e pelas melodias suaves das flautas, ela convoca a imagem de um mundo utópico, onde a concórdia e a serenidade imperam. Entretanto, ao introduzir essas nuances de tensão e dissonância em determinados

momentos, como as sobreposições de vozes assíncronas e os ritmos que contrariam essa paz, a artista também parece reconhecer que a utopia não está isenta de desafios e contradições.

Esta representação musical utópica por meio dos arranjos musicais, na qual a harmonia coabita com a inquietude e a agitação, insinua uma compreensão mais realista e intrincada desse conceito. Ao invés de apresentar a utopia como um espaço imaculado e isento de conflitos, Björk reconhece que sua construção se sustenta em uma interação dinâmica entre elementos antagônicos, onde a busca pela serenidade e pela harmonia está perenemente presente — embora jamais seja plenamente alcançada.

#### 4. Da imagem simbólica ao fauno de *Utopia* (2017)

Enquanto a harmonia da canção e o arranjo musical entrelaçam-se numa sinfonia de significados e sensações auditivas, a capa de um álbum musical se destaca pela escolha da imagem que conceitua o projeto musical: o fauno. Interpreta-se a escolha da imagem do fauno como celebração da natureza por meio da conexão entre os seres humanos e o meio ambiente. O fauno, com sua associação com a terra e com os elementos naturais, representa harmonia e integração com o mundo natural, evocando temas ecológicos e ambientais presentes, como visto nas canções de *Utopia* (2017).

Quando observamos a capa de maneira analítica e contemplativa, as cores pastéis desempenham um papel de suma importância na transmissão de uma aura repleta de serenidade e delicadeza. Essa seleção meticulosa de tons suaves, abarcando matizes de rosa, azul, verde e violeta, forja uma estética visualmente harmoniosa e reconfortante, lançando mão de uma pureza e inocência que remetem à utopia idealizada. Tais tonalidades sugerem uma atmosfera impregnada de tranquilidade e esperança, na qual a rigidez dos contornos e os contrastes abruptos cedem lugar a transições cromáticas suaves e fluidas.

Ademais, é plausível interpretar as cores pastéis como uma representação simbólica da feminilidade e da maternidade, devido a delicadeza e suavidade, evocando uma conexão com o ciclo inexorável da vida — da exuberância da criação à renovação cíclica. Essa concepção gestacional é enfatizada pela presença de um feto de um pássaro, o que reforça os conceitos atrelados aos cantos desses animais alados nos arranjos musicais, que podem ser compreendidos como símbolo de esperança e rejuvenescimento; como presságio de nova existência e perpetuação das espécies. Além disso, a prótese em seu rosto remete à imagem de um útero. A combinação desses elementos femininos sugere que a utopia de Björk é concebida a partir de uma perspectiva matriarcal, onde os valores e princípios femininos de cuidado, proteção e nutrição são fundamentais para a criação de um mundo idealizado. Essa visão destaca a importância do equilíbrio de gênero e da valorização das qualidades consideradas tradicionalmente femininas na construção de uma sociedade harmoniosa e justa.

Já os dois orifícios que se encontram na região da garganta desse ser mitológico, tão semelhantes aos encontrados na estrutura de uma flauta, sugerem uma conexão intrínseca entre a respiração e a origem do som, evocando uma simbiose entre a essência humana e a música. Segundo David Sonnenschein (2001), a emissão sonora através da cavidade oral só foi possível devido ao desenvolvimento cognitivo e à integração dos órgãos respiratórios dos sujeitos arcaicos, tais como os pulmões, brônquios e traqueia, em conjunto com a laringe e as cordas vocais, responsáveis pela vibração e produção das ondas sonoras, além da atuação da boca e das fossas nasais como uma câmara de ressonância.

Nesse sentido, esse sistema pode ser comparado a uma orquestra de instrumentos de sopro: as cordas vocais se assemelham às palhetas de um oboé, enquanto a garganta, a boca e as cavidades nasais representam os assobios abafados de uma ocarina. A presença simbólica desses orifícios pode ser então interpretada

como uma manifestação visual da capacidade inerente da música de estabelecer laços com as profundezas de nossa própria existência, permitindo-nos expressar nossas emoções mais íntimas e transcender as limitações do mundo material. De forma semelhante aos orifícios presentes em uma flauta, que possibilitam a passagem do ar para criar melodias, os orifícios percebidos sugerem uma abertura para a expressão e a comunicação por meio da arte e da criatividade musical.

### Imagem 1 – A capa do álbum de *Utopia* (2017)



Fonte: Björk (2017).

A representação de Björk como um fauno pode ser vista, assim, como uma reflexão sobre a dualidade da natureza humana, considerando que o fauno é uma figura híbrida, com características tanto humanas quanto animais. Nesse entendimento, a imagem do fauno nos lembra que somos parte da natureza, sujeitos às suas leis e ciclos, mas também capazes de transcendê-la através da nossa criatividade e imaginação. Por isso, a escolha de Björk de se representar como um fauno na capa de *Utopia* (2017) é uma afirmação da sua visão artística e da sua capacidade de criar um mundo de beleza tendo a música e arte visual como rituais de passagem para este universo paradisíaco. É uma imagem simbólica que nos convida a refletir sobre a natureza da música, da arte e da própria humanidade, e a explorar as possibilidades infinitas da imaginação criativa.

## Considerações finais

A vida cotidiana na contemporaneidade segue ritmo frenético, fragmentando a sociedade, de tal sorte que o ser humano é afastado da sua capacidade conectiva, anestesiando-se da reflexão sobre o mundo em que está inserido. A falta de alternativas palpáveis para superar o sintoma de desencantamento com o presente gera desestímulo com o futuro e a sensação de que não há caminhos substitutos além do conformismo com esse tipo de engrenagem.

A argumentação desenvolvida procurou nos lembrar que o mito foi a resposta para o sentido da vida dos nossos ancestrais. Na contemporaneidade, a música pode ser considerada uma dessas formas de transcendência da realidade imanente que nos aprisiona. Nesse sentido, *Utopia* (2017) emerge, assim, como um chamado à consciência ambiental, apontando para o diagnóstico de que alcançar a harmonia implica em gerar mudanças significativas nos comportamentos humanos, nas práticas sociais, nos sistemas econômicos, e nas políticas governamentais. Isso inclui a transição para fontes de energia renovável, práticas agrícolas sustentáveis, redução do consumo excessivo, preservação da biodiversidade e uma reavaliação dos valores culturais que muitas vezes contribuem para a exploração desenfreada dos recursos naturais.

Ao conceber um cenário utópico, Björk não está buscando escapismo ingênuo, mas sim desafiando seu público a visualizar e aspirar a um futuro mais harmonioso. Essa aspiração não é apenas uma fantasia desligada da realidade, mas uma provocação para questionar as estruturas existentes, estimulando a busca por soluções para os desafios enfrentados pela humanidade.

## Referências

ARAÚJO, Sávio. **A evolução histórica da flauta até Boehm**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

BAITELLO JR., Norval. **O Animal que Parou os Relógios:** ensaios sobre Comunicação, Cultura e Mídia. São Paulo: Annablume, 1997.

BJÖRK. **Utopia.** Londres: One Little Indian Records, 2017. 1 CD.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência.** O ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** Petrópolis: Vozes, 1987.

CAMPBELL, Joseph. **A imagem mítica.** Campinas: Papirus, 1994.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem:** uma introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do Imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTOK, Simon C. **The Ecophobia Hypothesis.** Reino Unido: Routledge, 2018.

FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade:** a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2009.

JUNG, Carl Gustav. **Obras completas:** aspectos do drama contemporâneo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

LICHOTE, Leonardo. **Björk instaura uma natureza orgânica e tecnológica**. O Globo, [s. l.], 03 mar. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/critica-em-utopia-bjork-instaura-uma-natureza-organica-tecnologica-22143244>. Acesso em: 23 fev. 2024.

MESTI, Diogo Norberto. Os poderes da música e a alma em Platão: tons, movimentos e harmonia. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 10, n. 19, p. 3-12, jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/466>. Acesso em: 22 maio 2024.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: A Natureza Humana**. Seuil: Publicações Europa-América LDA, 1973.

SIMÍAN, José Manuel. Entrevista com Bjork: Cosas, lujo y creatividad. *Cosas*, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://josesimian.co/wp-content/uploads/2017/11/bjork.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

SONNENSCHNEIN, David. **Sound design: the expressive power of music, voice, and sound effects in cinema**. Michigan: Michael Wiese Productions, 2001.

TORRIANI, Tristan Guillermo. Magia externa e interna em A flauta mágica de W.A. Mozart e E. Schikaneder. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 89-101, jul. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/757>. Acesso em: 23 fev. 2024

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que viabilizou esta pesquisa sob a forma de bolsa de estudo de doutorado por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC).

## Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas. Programa de Pós-graduação em Música. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.